

DAS PERIFERIAS DE SÃO PAULO PARA AS ESCOLAS DE BRASÍLIA: OS TRÂNSITOS DO POEMA *ORAÇÃO DOS DESESPERADOS* DE SÉRGIO VAZ

Aline Teixeira da Silva Lima¹

Resumo: O poema de Sérgio Vaz, *Oração dos desesperados*, percorreu um caminho muito significativo, pois foi produzido na periferia, para ser publicado em uma revista dedicada à literatura marginal, e, agora, se encontra na bibliografia do PAS/UnB, ao lado de obras (não apenas literárias) que pertencem ao campo literário. O presente trabalho tem como objetivo analisar este texto poético dentro do contexto da literatura marginal, examinar o porquê e como se deu esse trajeto São Paulo/Brasília, bem como sua ressonância, além de averiguar questões relacionadas à autoria.

Palavras-chave: literatura marginal; campo literário; PAS; *Oração dos desesperados*; Sérgio Vaz.

1. Panorama da Literatura Marginal

Sabe-se que a população marginal foi absorvida desordenadamente da cidade para as periferias. E, por conta da precariedade vivida pelos marginalizados, nos mais diversos âmbitos, a criminalidade aumentou, surgindo, assim, na cultura brasileira, várias entradas pejorativas e preconceituosas para o vocábulo “marginal”. Este, que, socialmente, já era sinônimo de favelado, estendeu-se, tornando-se um termo ambivalente, e passou também a ser sinônimo de ladrão, mendigo, menor abandonado, delinquente, assassino, bandido, enfim, todo elemento que é excluído das formas de sobrevivência ortodoxas do capitalismo. Entretanto, no presente trabalho, o verbete “marginal” será usado apenas com o significado de aquele que se encontra à margem do sistema social.

À vista disso, ao associar literatura com o adjetivo “marginal”, estamos classificando, de acordo com Érica Peçanha do Nascimento,

as obras literárias produzidas e vinculadas à margem do corredor editorial, que não pertencem ou que se opõe aos cânones estabelecidos, que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados, ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como marginais” (NASCIMENTO, 2009, pp. 20-21).

¹ Mestranda em literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: alinetslima@hotmail.com

Essa literatura marginal/periférica, a qual é produzida, editada e consumida² por marginais, eclode nos anos de 1990³. Nessa estética literária, é perceptível, dentre outras características próprias, o cunho social e político, haja vista que esses escritores, por meio da literatura, se posicionam, denunciam os problemas do meio onde estão inseridos e firmam suas identidades, pois suas obras permitem, segundo Ana Cristina Carvalho, “resgatar a memória individual ou coletiva e preencher, via literatura, os imensos vazios de uma sociedade que durante muito tempo se viu privada de informação” (FREITAS in CARVALHO, 2008, p. 233). De acordo com Regina Dalcastagnè,

o silêncio dos marginalizados está coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, às vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Incluso no último caso, se estabelecem tensões significativas: entre a “autenticidade” do testemunho e a legitimidade, socialmente construída, da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade do grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (DALCASTAGNÈ, 2015, p. 17).

Ou seja, há uma tensão quando esses grupos marginalizados se autorrepresentam, isto é, quando o excluído deixa de ser objeto da fala do outro para se tornar sujeito da sua própria fala. Assim, a fim de refletir sobre essa e outras questões, analisar-se-á o poema *Oração dos desesperados*, de Sérgio Vaz, poeta marginal, que escreve diretamente da periferia de São Paulo.

2. Análise do corpus

ORAÇÃO DOS DESESPERADOS

Dói no povo a dor do universo

Chibata, faca e corte

Miséria, morte

Sob o olhar irônico

De um Deus inverso.

² A princípio tal literatura seria gerada e lida pela mesma classe que se encontra à margem do sistema social, como afirmou Ferréz certa vez: “Eu escrevo para a periferia, mano, quem lê de fora é bastardo” (CAROS AMIGOS, 2009, p. 15). Entretanto, um dos objetivos do presente trabalho é demonstrar como a literatura periférica não está presa geograficamente.

³ Apesar de ela sempre ter existido, contudo não tinha a oportunidade de ter sua própria voz.

Uma dor que tem cor
Escorre na pele e na boca se cala
Uma gente livre para o amor
Mas os pés fincados na senzala.

Dói na gente a dor que mata
Chaga que paralisa o mundo
E sob o olhar de um Deus de gravata...
Doença, fome, esgoto, inferno profundo.

Dor que humilha, alimenta cegueira
Trevas, violência, tiro no escuro
Pedaço de pau, lar sem muro
Paraíso do mal
Castelo de madeira.

Oh! Senhores
Deuses das máquinas,
Das teclas, das perdidas almas.
Do destino e do coração!
Escuta o homem que nasce das lágrimas
Do suor, do sangue e do pranto,
Escuta esse pranto
(Que lindo esse povo!)
(Quilombo esse povo!)
Que vem a galope com voz de trovão
Pois ele se apega nas armas
Quando se cansa das páginas
Do livro da oração.

Que a pele escura
Não seja escudo para os covardes,
Que habitam na senzala do silêncio,
Porque nascer negro é consequência

Ser
É consciência.

É evidente que o eu lírico relata a dor vivida pelos negros desde o tempo histórico da escravidão (nas quatro primeiras estrofes) e enfatiza o sofrimento pelos quais os mesmos passaram, fazendo uso de substantivos que revelam as mazelas sofridas por esse povo e também de substantivos que explicitam o corpo, pois, dessa maneira, essas imagens se tornam mais concretas para o leitor; esses negros não foram apenas oprimidos, essa violência era sentida, doída, carnal. Esse tom de lamento, no qual o poema é escrito, só é interrompido (mas depois retomado) com os parênteses na 5ª estrofe, os quais isolam um comentário, na forma de uma saudação elogiosa aos negros. Além disso, a memória da escravidão dos povos afro-brasileiros, a qual é parte da matéria poética do texto, surge justamente nessa estrofe, no 9º verso: “Quilombo esse povo”.

No poema, não há alusão ao eu lírico, entretanto, na 5ª estrofe há referências ao interlocutor do mesmo, por meio dos vocativos: “Senhores”, “Deuses das máquinas, das teclas, das perdidas almas, do destino e do coração”. Percebe-se que é a esse interlocutor (ironicamente, o causador de toda a dor) que o eu lírico dirige o lamento e o clamor da sua oração. A princípio, poderíamos entender que esse senhor seria o “senhor de escravos” ou “senhor de engenho”, mas devido aos termos “deus de gravata” (3º verso da 3ª estrofe) e “Deuses das máquinas, das teclas” (2º verso da 4ª estrofe), fica claro que o eu lírico não está preso no passado, ele está abordando a questão da opressão negra também no mundo contemporâneo.

Os versos “Uma dor que tem cor/escorre na pele e na boca se cala” esclarecem que o sofrimento e o silêncio (a falta de voz) a que os negros estão sujeitos, ainda hoje, foram herdados de seus ancestrais da mesma forma que sua cor, ou seja, trata-se de uma herança genética. Na última estrofe: “Porque nascer negro é consequência/ Ser/ É consciência”, o eu lírico retoma essa questão, fazendo uso do par de palavras “consequência” e “consciência”, pois, com o primeiro vocábulo, ele reitera que a raça é algo que não é possível escolher, e, com o segundo, ele acrescenta que as atitudes, ao contrário da cor, são passíveis de escolha, cabendo a cada ser humano tomar suas próprias decisões com discernimento. Dentro do contexto do poema analisado, essa afirmação remete à

consciência que todos os indivíduos devem possuir, a fim de combater o racismo e a segregação social.

3. Literatura Marginal em trânsito

Como informado na primeira parte deste estudo, existe um vínculo entre literatura marginal e seu território, ou seja, os produtos literários e sua circulação costumam acontecer no espaço periférico em questão. Vejamos como esse fenômeno se dá com o poema, e seu autor, aqui analisados. Quanto ao texto poético, *Oração dos desesperados* foi publicado pela primeira vez na revista *Caros Amigos/ Literatura Marginal – Ato I* (2001). Mais tarde, em 2007, o escritor o incluiu em seu livro *Colecionador de Pedras*. Quanto ao autor, Vaz é mineiro, porém, é morador de São Paulo desde os cinco anos de idade. Há 20 anos reside no bairro Pirajussara, no Município de Taboão da Serra, periferia paulista. Sérgio Vaz se considera pardo, em suas palavras, com “cor de chão de terra que a gente pisa” (TENNINA, 2006, p. 156) e não nega sua origem africana, já que sua avó materna era negra. O mesmo não tem formação universitária e se julga um poeta marginal.

Dessa forma, incontestavelmente, Vaz e suas produções são representantes da literatura marginal. No campo literário brasileiro, o qual é extremamente homogêneo⁴, seus poemas seriam vozes “não autorizadas”, que causariam desconforto com a sua presença. Conforme Regina Dalcastagnè, há uma “tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu ‘devido lugar’ e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado” (DALCASTAGNÈ, 2012, p.07). Entretanto, *Oração dos desesperados* conseguiu transitar da periferia de São Paulo às escolas de Ensino Médio brasilienses, percorrendo um contra fluxo, pois de acordo com Érica Peçanha do Nascimento, sob determinada perspectiva, “literatura marginal designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não estão nas listas de leituras obrigatórias dos vestibulares” (NASCIMENTO, 2009, p. 37). Assim, o texto poético analisado rompeu com determinada tradição: a bibliografia de processos seletivos universitários brasileiros, os quais são comumente compostas por obras ditas canônicas.

⁴ “Basta observar quem são os autores [...], como são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não têm as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo...” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 08).

No segundo semestre de 2012, o CESPE/CEBRASPE⁵, por meio do Grupo de Sistematização e Redação Final do Programa de Avaliação Seriada (PAS)⁶ da Universidade de Brasília, incluiu (para as provas ministradas a partir de 2013) o poema *Oração dos desesperados*, na Matriz de Objetos de Conhecimento da 1ª etapa⁷ (destinada aos alunos que acabaram de findar o 1º ano do Ensino Médio), a qual será mantida, a priori, até 2018. Tal evento foi um passo à frente no que tange à seleção de obras a serem lidas pelos alunos da Educação Básica no Brasil. Faz-se necessário refletir sobre o porquê e como isso ocorreu. Com esse fim, foi feito contato⁸ com a própria instituição CESPE/CEBRASPE com o propósito de obter tais esclarecimentos.

Foi informado que as obras sugeridas em cada etapa resultam dos trabalhos de revisão e atualização da Matriz de Referência do PAS/UnB. E, para tanto, são realizadas consultas públicas à comunidade escolar em períodos estabelecidos para a sugestão de obras. A partir disso, o Grupo de Sistematização e Redação Final do PAS, composto por professores da própria UnB e do Ensino Médio, analisa as sugestões, tendo como critérios básicos:

- a) a disponibilidade e acesso público à obra;
- b) possibilidades para o trabalho interdisciplinar;
- c) permitir o trabalho pedagógico em no mínimo cinco dos objetos de conhecimento de cada etapa.

⁵ Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos.

⁶ O Programa de Avaliação Seriada - PAS - é uma modalidade de ingresso existente na Universidade de Brasília desde 1996. O PAS/UnB realiza um exame ao final de cada série do ensino médio, com orientações específicas para cada etapa.

⁷ Disponível em: <http://www.cespe.unb.br/pas>

⁸ O contato foi feito via e-mail com o Departamento de Comunicação do CESPE/CEBRASPE.

Nesse sentido, seguindo tais procedimentos e orientações, a obra em questão foi provavelmente sugerida por determinado(s) professor(es) e aprovada após a análise dos critérios acima expostos. Quanto ao primeiro critério, pode-se dizer que o poema de Vaz é extremamente acessível, já que está disponível pelo próprio autor em seu *blog*. Essa é uma característica comum da literatura marginal, pois pela dificuldade de publicação, os meios midiáticos ajudam na difusão artística⁹. Sua escolha atende também à exigência desse Grupo de Sistematização de indicar “textos contemporâneos da internet” em cada uma das etapas.

O poema de Sérgio Vaz atende a outras importantes recomendações relacionadas às indicações de obras: a Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira, tema o qual encontra nesse poema um aporte para o trabalho docente contextualizado. Além disso, é possível abordar também, por meio do poema, o processo de formação das identidades nacionais ocidentais, da identidade brasileira e suas transformações, a permanência e ruptura, mudanças e desigualdades nas formações históricas, culturais e sociais, os esforços para pensar o Brasil em sua formação sócio-histórica e espacial, e todas as desigualdades vinculadas a estes processos. Logo, o segundo quesito é facilmente atendido, tendo em vista os inúmeros conteúdos essenciais que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar.

Na própria Matriz do PAS, é possível encontrar obras indicadas que dialogam, em diferentes formas, épocas e lugares, com o poema em questão: *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, *Este mundo da injustiça globalizada*, de José Saramago, entre outras, cumprindo o último critério, já que o poema pode ser trabalhado de maneira pedagógica com mais de cinco objetos do conhecimento. É notável como o conteúdo do texto poético de Vaz é abundante, possibilitando aos alunos uma perspectiva interna da escravidão, do preconceito, da exclusão social e de outros assuntos que o docente pode explorar. Apesar de o autor não ser negro, ele aborda o tema com autoridade, devido a sua descendência e posição periférica dentro da sociedade atual. É possibilitado ao discente um novo olhar, diferente dos autores aos quais estão habituados, os homogêneos, repetindo a fala de Regina Dalcastagnè. Percebe-se que nas justificativas repassadas pelo CESPE para a inserção do poema analisado como objeto de conhecimento do PAS não

⁹ A internet é a estratégia de vinculação mais utilizada pelos autores periféricos. Há uma participação assídua dos mesmos em redes sociais, como *blogs*, *twitter* e *facebbok*. Nesses locais, eles divulgam seus livros, saraus, ou até mesmo postam as próprias produções.

há referência ao fato de o texto ser de origem periférica. Pelos dados informados, interpreta-se com bastante clareza que, de forma geral, a sua presença se dá pela sua riqueza/ qualidade do conteúdo poético, o qual é a representação da ordem social coletiva de um grupo étnico. A visão dessa concepção do que “deve” ou “pode” ser considerado canônico na literatura brasileira já tem sido revista e reavaliada pelos agentes literários, por meio, por exemplo, de estudos acadêmicos. O pensamento crítico acadêmico tem avançado.

De acordo com os dados disponibilizados pelo CESPE, em seu site¹⁰, referente aos alunos inscritos no PAS¹¹ da 1ª etapa desde 2013, pode-se ter uma ideia do alcance de público desse poema, haja vista que todas as escolas de Brasília têm em seu Currículo do Ensino Médio os Objetos de Conhecimento do PAS. Vale ressaltar que alunos oriundos de outros Estados também vão à capital participar do processo seletivo, estando presentes, portanto, na estatística abaixo:

ANO	NÚMERO DE ALUNOS INSCRITOS
2013	29.795
2014	28.813
2015	23.045
TOTAL	81.653

Entretanto, as informações acima não nos proporcionam uma estimativa exata já que nem todos os alunos matriculados no Ensino Médio em Brasília se inscrevem no PAS. A fim de aproximar um pouco mais os dados de tal afirmativa, recorri aos dados do Inep¹² (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o qual nos informa que nos anos de 2013, 2014 e 2015, havia, respectivamente, matriculados nas redes públicas e privadas no 1º ano do Ensino Médio, em Brasília, 48.625, 47.723 e

¹⁰ <http://www.cespe.unb.br/pas/>

¹¹ O CESPE disponibiliza o total de alunos inscritos e o total de alunos presentes em cada etapa do processo. Neste artigo, será levado em conta apenas o número de total de inscritos, tendo em vista que o objetivo é estimar quantos alunos tiveram acesso ao poema.

¹² <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>

45.245, totalizando 141.593 alunos. Levando em consideração as referências estatísticas, significa que o alcance da obra é bastante amplo.

A literatura tem asas, como diz Ferréz, escritor marginal, e, dessa forma, obviamente, sem desconsiderar a legitimação dos agentes literários do Grupo de Pesquisa do CESPE/CEBRASPE, o poema chegou às escolas de Brasília, alcançando uma visibilidade não tão usual da literatura marginal, tendo em conta que o texto poético de Vaz adentrou os colégios de Ensino Médio, instituições tradicionais, que priorizam as obras canônicas, não abrindo espaço para outras vozes. Mas *Oração dos desesperados* vem como abre-alas dessa literatura, “invadindo” o espaço do campo literário, demonstrando que diversas questões relevantes podem/devem ser representadas por uma perspectiva interna dos grupos marginalizados e possibilitando, assim, uma democratização da literatura. A periferia, a qual é rotulada como um lugar de onde provém apenas violência, tem revelado ser um lugar de onde provém cultura.

Com essa nova geração de escritores periféricos, a fronteira entre a “cidade marginal” e a “cidade oficial”¹³ é ultrapassada e esses grupos marginalizados que habitualmente são objetos da fala de outrem, passam a ser sujeitos de sua própria fala, nos evidenciando uma perspectiva interna da periferia. Por conseguinte, é necessário que a cultura e, conseqüentemente, a arte marginal seja respeitada. As diferenças não devem ser usadas como aporte/argumento para discriminações e preconceitos e que, assim, essas vozes possam não apenas falar, como também serem ouvidas.

Referências bibliográficas

Caros Amigos Especial. Literatura Marginal: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, agosto de 2001.

Caros Amigos. “A periferia de São Paulo pode explodir a qualquer momento”. São Paulo, n. 151, pp. 12-17, 2009.

¹³ Terminologia utilizada por Karl Erik Schollhammer, 2000.

CARVALHO, Ana Cristina. “O experimentalismo em *Feliz ano novo*”. In: BRANDÃO, Saulo. *Literatura de Subversão: três estudos*. Recife: Edições Bagaço, 2008.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

CYNTRÃO, Sylvia H. *Como ler o texto poético: caminhos contemporâneos*. Brasília: Plano Editora, 2004.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. In: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

_____. “Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea”. In: *Estudos de literatura Brasileira Contemporânea*, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

_____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

_____. *Representación y resistencia en la literatura brasileña contemporânea*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2015.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (2008). *Intelectuais x marginais*. Disponível em <http://www.literal.com.br/>. Acesso em 20 out. 2016.

LEEDS, Elizabeth. “Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local”. In: ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes marginais na literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira”. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org.). *Linguagem da violência*. Rio de Janeiro: Roxo, 2000.

TENNINA, Lucía et al. *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

VAZ, Sérgio. *Colecionador de Pedras*. São Paulo: Global, 2007.

VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

YOUNG, Iris Marion. “Representação política, identidade e minorias”. In: *Lua Nova*, nº 67, 2006, 00. 139-90.

ZYLBERBERG, Sônia. *Morro da Providência: memórias da Favela*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992 (Coleção Biblioteca Carioca).